

LOUIS MASSIGNON: A HOSPITALIDADE DIALOGAL*

(Louis Massignon: the dialogal hospitality)

*“Pour comprendre l’autre,
il ne faut pas se l’annexer,
mais devenir son hôte”*

Faustino Teixeira **

RESUMO: O diálogo inter-religioso apresenta-se hoje como um dos grandes desafios do século XXI, sendo caminho essencial para a afirmação de um horizonte de paz para a humanidade. Trata-se de uma das artes mais difíceis e arriscadas da conversação, mas essencial na construção de uma cidadania que respeite a alteridade. O objetivo desse artigo é apresentar a trajetória de um dos grandes interlocutores do diálogo entre cristianismo e islã, Louis Massignon (1883-1962), um pioneiro na abertura da igreja católica ao mundo muçulmano. Com sua perspectiva de vida e reflexão favoreceu um novo olhar sobre o islã, esse mundo religioso que envolve hoje cerca de uma em cada cinco pessoas do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogo, Cristianismo, Islã, Mística, Hospitalidade.

ABSTRACT: The Inter-religious dialogue is presented today as one of the great challenges of the 21st century, being an essential way for the affirmation of a horizon of peace for humanity. It is about one of the most difficult and risky arts of the conversation, but essential in the construction of a citizenship that respects the alteridade. The objective of this article is to present the trajectory of one of the great interlocutors of the dialogue between Christianity and Islam, Louis Massignon (1883-1962), a pioneer in the opening of the Catholic Church to the Muslim world. With its perspective of life and reflection it favored a new to look at on Islam, this religious world that today involves about one out of every five people of the world.

KEY-WORDS: Dialogue, Christianity, Islam, Mystical, Hospitality.

* Para Marco Lucchesi, amigo e irmão nessa linda aventura espiritual de encontro com o outro.

** Universidade Federal de Juiz de Fora. Artigo submetido a avaliação no dia 26/09/2009 e aprovado para publicação no dia 16/10/2009.

Introdução

Louis Massignon (1883-1962) foi um grande buscador no campo do diálogo inter-religioso, com sua particular vocação de abertura ao islã. É reconhecido como um dos singulares conhecedores do islã e dos árabes, sendo responsável pela renovação dos estudos de mística muçulmana e também pela mudança da perspectiva missiológica católica com respeito ao mundo muçulmano. Na visão de Henri Teissier, ele representou para a igreja católica o papel de “precursor incontestável, artesão incansável e testemunho extraordinário do empenho evangélico em favor da solidariedade espiritual com o islã e mais em geral com todos aqueles que buscam o absoluto no nosso tempo”¹. Um traço original de sua vida foi a capacidade de conjugar pesquisa e vida, empenho acadêmico e desvelo espiritual. Trata-se de alguém marcado por grande sensibilidade e entranhas de compaixão. Ao testemunhar sobre o amigo Massignon, depois de sua morte, Jacques Maritain sublinhou como traço de sua herança a unidade radical entre a ciência mais erudita, a “devoradora sede mística de justiça e de absoluto” e a “fé extraordinariamente reta e pura”².

1. O caminho da conversão

Louis Massignon nasce no dia 25 de julho de 1883, na cidade de Nogent-sur-Marne (França), sendo filho de um conhecido escultor agnóstico e de uma mãe católica praticante. Recebe sua educação religiosa em Paris, mas num ambiente marcado pela laicidade. O interesse pelo Oriente nasce por ocasião de seus estudos secundários no Liceu Montaigne e Louis-le-Grand, quando então faz contato com Henri Masperò e a biblioteca de seu pai, o conhecido egiptólogo Gaston Masperò. As primeiras angústias metafísicas o acompanham desde este período. Traços significativos da personalidade de Massignon são revelados em sua correspondência com o amigo Henri Masperò. Nas primeiras cartas, datadas de 1901, já se capta a sua “insaciável curiosidade de espírito”³. Termina o bacharelado em 1900 e se inscreve na universidade onde faz seus estudos de letras e história. Sua primeira viagem em terras muçulmanas (Argélia) acontece em 1901, quando tinha 17 anos. A escolha do tema de seus estudos na universidade⁴ cria as con-

¹ H. TEISSIER, “Prefazione, Louis Massignon un precursore, un artigiano e un testimone del dialogo interreligioso”, in J. KERYELL, *Il giardino di Dio: Con Louis Massignon incontro all’islam*, Bologna: EMI, 1997, p. 10.

² Apud KERYELL, *Il giardino di Dio*, p. 25.

³ G. BASETTI SANI, *Louis Massignon (1883-1962)*, Firenze: Alinea, 1985, p. 59.

⁴ O tema escolhido foi “Tableau géographique du Maroc d’après Léon l’Africain”. Apresenta o seu trabalho no ano de 1904, sendo o mesmo publicado em 1906 na Argélia. O seu trabalho chega ao conhecimento de Charles de Foucauld, em seu eremitério de Beni-Abbès, na Argélia, abrindo espaço para uma amizade que o acompanhará em toda a vida.

dições para outras viagens aos países muçulmanos. Durante o período em que faz o serviço militar, nos anos 1902 e 1903 em Rouen, perde a fé cristã de sua infância. Em 1906 diploma-se em árabe na Escola de Línguas Orientais, sendo igualmente nomeado no mesmo ano membro do Instituto Francês de Arqueologia Oriental no Cairo, o que favoreceu sua dedicação em tempo integral ao estudo da arte e da civilização árabe⁵. Durante uma missão arqueológica na Mesopotâmia, nos anos 1907-1908, é aprisionado no rio Tigre pela polícia turca e acusado de espião. A experiência suscita uma forte crise religiosa, que culminou em tentativa de suicídio, em 3 de maio de 1908. Foram feitas na ocasião inúmeras especulações sobre sua saúde⁶. É no contexto desta dolorosa experiência que se dá o processo de conversão de Massignon, identificada pelo evento da “visita do Estrangeiro”⁷. Sobre este episódio, Massignon guardou segredo por muito tempo, só revelando o seu significado em texto publicado sete anos antes de sua morte: “Ele acendeu um fogo no meu coração onde a faca havia falhado, cicatrizando o meu desespero que Ele havia lacerado, como a fosforescência de um peixe ressurgido do fundo das águas abissais”⁸. Este evento transfigura o universo para Massignon, proporcionando-lhe novo alento vital. Para a retomada de sua fé foi de fundamental importância a hospitalidade que encontrou junto a alguns amigos muçulmanos⁹. Em carta de 1938 assinala o lugar que teve o islã em sua conversão:

É bem verdade que sou crente, profundamente cristão, católico. E não é menos verdade que se retornei à minha crença, há trinta anos, depois de cinco anos de incredulidade, deve-se aos amigos muçulmanos de Bagdá, os Alussy (...). É em árabe que falaram de mim a Deus, suplicando-lhe, e de Deus a mim; é em árabe que pensei e vivi minha conversão, em maio-junho de 1908 (...). Daí o meu profundo reconhecimento ao islã, do qual dou testemunho em todos meus trabalhos científicos¹⁰.

⁵ Antes dos estudos de árabe, Massignon dedicou-se ao estudo do sânscrito sob a orientação de Silvan Levi (1863-1935), reconhecido indianista francês.

⁶ Falou-se em turbamento de consciência, crise de demência, crise aguda de malária e congestão cerebral. Cf. KERYELL, *Il giardino di Dio*, pp. 89, 93, 100, 101; D. MASSIGNON, *Le voyage en Mésopotamie et la conversion de Louis Massignon en 1908*, Paris: Cerf, 2001, pp. 10, 28-30, 53ss.

⁷ Para esse tema da “visita do estrangeiro” cf. L. MASSIGNON, *Parole donne*, Paris: Seuil, 1983, p. 283; L. MASSIGNON, *Mystique en dialogue*, Paris: Albin Michel, 1992, pp. 6-8 (Question De, numero 90); L. MASSIGNON, *L'hospitalité sacrée*, Paris: Nouvelle Cité, 1987, pp. 40-45; MASSIGNON, *Le voyage en Mésopotamie*, pp. 58-59.

⁸ MASSIGNON, *L'hospitalité sacrée*, p. 40.

⁹ Massignon encontrou acolhida entre os *Alussi*, que responderam em seu favor junto às autoridades turcas que o haviam condenado como espião. Na intercessão em favor de Massignon, assinalam que ele é membro da família, um hóspede sagrado, que não pode ser eliminado. Ele foi, assim, salvo em 1908 por ser hóspede, e isso marcou Massignon pelo resto de sua vida. Ver a respeito: BASETTI SANI, *Louis Massignon*, p. 241.

¹⁰ MASSIGNON, *L'hospitalité sacrée*, p. 204 (carta a A.M. Nouredin Beyum – 26 de fevereiro de 1938).

Quem acompanhou bem de perto todo esse processo de conversão de Massignon foi o amigo Paul Claudel (1868-1955). São inúmeras as cartas que, nesse período, traduzem a grande amizade espiritual que se firmou entre os dois companheiros. Paul Claudel foi não só o confidente próximo como também o grande interlocutor de Massignon após o evento de sua conversão. Em carta dirigida a Claudel, em fevereiro de 1911, Massignon assinala a presença dos árabes em sua conversão e a importância de sua experiência na Mesopotâmia, em 1908, quando então se cauteriza o seu agnosticismo. Reconhece que é ali na Mesopotâmia que acontecem as mais ricas ocasiões para o decisivo aprendizado de que é no sacrifício integral que se amplia a potencialidade do amor¹¹.

É significativo perceber como foi mediante a hospitalidade islâmica que Massignon descobriu o sentido do sagrado. Em singular passagem de seu diário, Paul Claudel relata com cores vivas o processo de conversão de Massignon, que a ele foi relatado pelo amigo em confiança e segredo. Ao final de um longo e doloroso caminho, que esbarrou na sedução do suicídio, Massignon foi tocado por teofanias singulares: a visita do estrangeiro e o encontro com o Deus de Abraão, a revelação da verdade (*haqq*) no bater das asas das pombas no hospital muçulmano de Bagdá, e a profunda sensação da presença de Deus como o Pai que acolhe o filho pródigo¹².

O estudioso Guy Harpigny assinala a presença de três ciclos no itinerário de vida de Louis Massignon: o ciclo de Hallaj, o ciclo de Abraão e o ciclo de Gandhi¹³. O primeiro ciclo conclui-se com a realização da grande pesquisa de Massignon sobre o místico persa muçulmano al-Hallaj (858-922)¹⁴, que resultou em sua tese doutoral, defendida em 1922. O segundo ciclo envolve as novas pesquisas de Massignon que avançam até sua ordenação sacerdotal, em 1950. O terceiro ciclo acompanha o período final da vida de Massignon, marcado por seu engajamento temporal e sua compaixão universal.

2. O ciclo de Hallaj: Um outro olhar sobre o islã

Louis Massignon percebe no caminho do Oriente a possibilidade de retomada do coração. Não mais lhe satisfaz o deserto frio e estéril do racionalismo, mas a riqueza viva e emotiva do universo simbólico do islã.

¹¹ Apud KERYELL, *Il giardino di Dio*, p. 57. Ver também pp. 70-71.

¹² *Ibid.*, pp. 99-104.

¹³ G. HARPIGNY, *Islam et Christianisme selon Louis Massignon*, Louvain-la-Neuve, 1981. Ver também a respeito: P. ROCALVE, *Louis Massignon et l'islam*, Damas: Institut Français de Damas, 1993, p. 15.

¹⁴ Para mais detalhes de sua vida cf. L. MASSIGNON, *Ciencia de la compasión*, Madrid: Trotta, 1999, pp. 39-74 (Al-Hallâj místico del islam e Vida de Hallâj); A. SHIMMEL, *Le soufisme ou les dimensions mystiques de l'islam*, Paris: Cerf, 1996, pp. 89-106; S. RUSPOLI, *Le message de Hallâj l'expatrié*, Paris: Cerf, 2005, pp. 15-53.

O conhecimento do árabe favoreceu-lhe o acesso aos escritores, poetas, filósofos e sobretudo os místicos sufis (persas e árabes). Mediante a leitura do *Memorial dos Santos*, do grande místico persa Farid ud din Attar (sec. XII), toma conhecimento de outro grande nome do sufismo, Hussayn Mansur al Hallaj (857-922), que se tornará seu grande objeto de reflexão e estudo. Assim que tomou conhecimento da obra de al Hallaj, em 24 de março de 1907, no Cairo, Massignon decidiu dedicar seu doutorado em letras ao estudo do grande mártir místico do islã. Comunica sua decisão ao pai em abril do mesmo ano, em carta onde fala do encanto que lhe produz a cor intensa e o andamento trágico do martírio de al Hallaj¹⁵.

Sua tese foi concluída em 1914, mas em razão da guerra só pôde ser apresentada na Sorbonne em 24 de maio de 1922. Uma parte do manuscrito, consignado na tipografia de Louvain, foi destruído pelo fogo dos primeiros bombardeamentos da cidade, em 1914. A volumosa tese teve como título: *La passion de Husayn Ibn Mansûr Hallaj: martyr mystique de l'islam exécuté à Bagdad le 26 mars 922*¹⁶.

Louis Massignon foi profundamente marcado pela experiência vital de al-Hallaj, uma das mais extraordinárias figuras da mística muçulmana. Tratava-se, a seu ver, de um grande “amante de Deus”, que conseguiu alcançar um excepcional nível de união com o divino. Em carta de 1949, Massignon relata a força dessa presença em sua vida: alguém que o ajudou a compreender a cruz e a rezar em árabe¹⁷. Seu objetivo maior era, mediante o léxico de al-Hallaj, alcançar o “coração do islã”¹⁸, deixando-se hospedar pela tradição mística do islã. Na especificidade dos textos místicos, de sua linguagem peculiar, encontrava a chave de acesso ao Real e a experiência única de “comoção mesma do contato divino”¹⁹. Como mostrou Roger Arnaldez, foi mediante a espiritualidade hallajiana que Massignon discerniu o lugar singular de abertura do islã ao cristianismo, e pela razão dessa mística favorecer um “sentido e verdade à unidade do monoteísmo

¹⁵ KERYELL, *Il giardino di Dio*, p. 53. Relata também o papel central de al Hallaj em sua vida, em carta à sua mulher: cf. MASSIGNON, *L'hospitalité sacrée*, p. 60. Fala a ela da importância do místico não só para a afirmação de sua personalidade científica e posição universitária, mas também para sua acolhida do mistério de Deus.

¹⁶ A tese foi publicada em dois volumes pela editora Geuthner, de Paris, em 1922. Uma nova edição foi posteriormente publicada em 4 volumes pela Gallimard, de Paris, em 1975. Como tese complementar ele apresentou o *Essai sur les origines du lexique technique de la mystique musulmane*, publicada inicialmente em Paris em 1922, pela editora Geuthner, reeditada posteriormente em Paris: Editions du Cerf, 1999. Ainda sobre al-Hallaj, Massignon traduziu para o francês, seu *Diwân*, em 1936, posteriormente reeditado em 1938, 1955 e 1981. Outras conferências e artigos de Massignon foram publicados em sua *Opera Minora*, uma coletânea de 207 artigos publicados em 3 volumes e editados por Youakin MOUBARAC (Beyrouth: Dar al-Maaref, 1963).

¹⁷ MASSIGNON, *L'hospitalité sacrée*, p. 258.

¹⁸ L. MASSIGNON, *La passion de Hallâj*, Tome III, Paris: Gallimard, 1975, p. 10.

¹⁹ L. MASSIGNON, *Ciencia de la compasión*, Madrid: Trotta, 1999, p. 78.

abraâmico”²⁰. Por intermédio da mística de al-Hallaj, Massignon descobre a sintonia que enlaça o islã ao cristianismo através da perspectiva maior do amor.

Em testemunho sobre a espiritualidade de Massignon, Roger Arnaldez sinaliza a íntima ligação da espiritualidade com a língua. Não há nada de acessório na utilização de uma língua na reflexão sobre a mística. No caso do árabe, trata-se de uma língua vista como essencial para o acesso ao Mistério Divino, e os muçulmanos o reconhecem profundamente. Também Massignon confia no valor dessa língua, mediante a qual acessou o mistério de Cristo²¹. Trata-se de uma das línguas mais sublimes, como bem sinalizou Marco Lucchesi:

Uma das portas do sagrado. Fogo primordial. Tempo forte. Tempo mítico. Para Massignon, o árabe não sofre a anemia das línguas modernas. Sua estratégia é outra. Não se utiliza de períodos amplos e hierarquizados [...]. O árabe coagula e condensa, com a força do ferro e o brilho do cristal, a ideia que emerge do Sagrado [...]. E as letras são vassalos da revelação. Estrelas em órbitas de fogo, consoantes em chamas, altas e indecifráveis, que aos poucos se agregam umas às outras – formando sistemas estelares –, a seguir o rumo dos astros, do oriente ao ocidente²².

Curiosa essa confiança de Massignon, ao assinalar a presença de um místico muçulmano na abertura de horizontes para a compreensão do mistério cristão. Esse alargamento de horizontes é reconhecido por Jacques Maritain, ao tratar da importância da abertura inter-religiosa vivenciada por Massignon. Sinaliza o exemplo do estudo de al-Hallaj, realizado por Massignon, como prova da possibilidade de que sábios e eruditos de outras tradições religiosas possam ajudar a clarificar a própria tradição cristã²³.

Movido pela sedução do martírio de al-Hallaj, Massignon interessou-se pelo tema dos sete santos dormentes de Éfeso. São mártires da fé, venerados por cristãos e muçulmanos, que encontraram o dom da ressurreição depois de terem sido murados vivos²⁴. Segundo a cifra muçulmana²⁵, eles permaneceram 309 dias em “sono sagrado nas mãos de Deus”, até encontrarem a Ressurreição final. Esse número “309” ganha um simbolismo particular para Massignon, pois converge com a data do martírio de al-Hallaj, ocorrido no ano de 309 do calendário muçulmano. Esse culto dos

²⁰ R. ARNALDEZ, “Sa spiritualità”, in L. MASSIGNON, *Mystique en dialogue*, p. 107.

²¹ *Ibid.*, pp. 103-104.

²² M. LUCCHESI, *Os olhos do deserto*, Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 61.

²³ J. MARITAIN, *O camponês do Garzona*, Lisboa: União Gráfica, 1967, p. 97.

²⁴ Ver a referência aos sete dormentes na Sura 18 do Corão, denominada Sura da Caverna (*Al-Kahf*).

²⁵ Corão 18:25.

sete dormentes encontra uma ressonância singular em muitos países, inserindo-se hoje na dinâmica da busca de uma ecumene abraâmica. Após 1954, no final de julho de cada ano, sob o impulso de Massignon, cristãos e muçulmanos encontram-se na Bretanha para orar em favor de uma “paz serena”, selados pela fé na ressurreição em Deus²⁶.

Em razão de sua comprovada competência no campo dos estudos islâmicos, Massignon encontrará um amplo espaço na carreira universitária e acadêmica. Em junho de 1919 é proposto como sucessor de A. Chatelier no *Collège de France*, na cadeira de sociologia e sociografia muçulmanas, permanecendo como docente de forma ininterrupta até o ano de 1954. Em 1933 é nomeado como diretor dos estudos em ciências religiosas na *École Pratique des Hautes Études*, bem como presidente do Instituto de Estudos Iranianos. Teve um papel importante na direção da *Revue du monde musulman*, com a produção de inúmeros artigos. Atuou igualmente no *Annuaire du Monde Musulman*, respondendo pelas edições de 1926, 1929 e 1954. Atuou ainda em prestigiosas instituições acadêmicas e científicas tanto no mundo ocidental como do mundo árabe-muçulmano. Foram também inúmeros os convites para professor visitante nos Estados Unidos, Canadá, Egito e Irã.

3. O ciclo de Abraão: O desafio da hospitalidade

A visão dialogal de Massignon está toda ela fundada na importante noção de hospitalidade. Trata-se de uma palavra chave na compreensão da personalidade de Massignon. A hospitalidade (*diyâfa*) é para ele um dever sagrado que deve se estender a todos os domínios, incluindo o religioso e místico. Este apelo da hospitalidade foi fruto de seu aprendizado com os árabes, que lhe ensinaram que o dever de hospitalidade é exercitado em nome de Deus; um apelo que se enraíza no projeto de Abraão, o grande precursor das tradições religiosas semíticas, que instaura a hospitalidade celebrada na acolhida do estrangeiro (Gn 18,1-16²⁷). Com os muçulmanos Massignon conseguiu captar o mistério essencial de um Deus de hospitalidade²⁸.

A reflexão em torno de Abraão será central na vida de Massignon, envolvendo o coração mesmo de sua aventura espiritual e informando a novidade de sua visão sobre o islã. Esta presença ganha vitalidade em sua

²⁶ MASSIGNON, *L'hospitalité sacrée*, pp. 291-292 e 364-365; KERYELL, *Il giardino di Dio*, p. 31-32; C. DREVET (org.), *Massignon et Gandhi. La contagion de la vérité*, Paris: Cerf, 1967, p. 28.

²⁷ Esses “honrados hóspedes” de Abraão serão recordados também no livro do Corão (15:51 e 51:24).

²⁸ ARNALDEZ, “Sa spiritualità”, in MASSIGNON, *Mystique en dialogue*, p. 102.

espiritualidade cotidiana, com as três orações de Abraão, recitadas a cada *Angelus* após julho de 1920²⁹. Será também fundamental no engajamento político de Massignon em favor da Palestina, na sequência dos acontecimentos de 1947: a retomada do apelo de Abraão em favor de Jerusalém como a cidade de eleição de todos os crentes³⁰.

Em sua clássica reflexão sobre as três orações de Abraão, reunidas em obra de 1997, Massignon trata da legitimidade do islã, entendido como uma religião “centrada na fé”³¹. Esse tema foi particularmente desenvolvido na parte dedicada à hégira de Ismael, que traduz a reflexão mais articulada e ampla do livro. Esse autor fala do islã como um “bloco espiritual autêntico e homogêneo”, já que cimentado na “fé do verdadeiro Deus, que provém de Abraão”³².

O apelo da hospitalidade em Massignon abre um espaço singular para a acolhida do outro em sua especificidade, enquanto “*proprium*”, enquanto “alter” (e não “*aliud*”), enquanto alguém que é mistério impenetrável e irrepetível. Não é possível para ele captar o seu significado senão mediante o gesto da aproximação desarmada de preconceitos. Exige-se para tanto mais do que simples boa vontade, mas o gesto ousado de “penetrar através do *logos* no *mithos* do outro”, hospedando-se no seu interior. Todo o trabalho de pesquisa e, sobretudo, o estilo de sua vida espiritual estará marcado por este “método interiorista”, que indica que uma tradição religiosa só pode ser verdadeiramente conhecida a partir de dentro: “Entrando na casa do islã pela porta privilegiada da mística, conseguiu conhecer intimamente a religião dos filhos de Ismael; do alto da santidade, encarnada sobretudo por Hallaj, pôde estender o seu olhar, tornado agudo e penetrante pela própria experiência religiosa, para a imensa e contrastante terra do islã, oferecendo dela um importante afresco em seus escritos”³³. A pre-

²⁹ Trata-se da tríplex oração patriarcal de Abraão, baseada na experiência da aparição de Iahweh no Carvalho de Mambré, descrita no livro do Gênesis 18,1-3. São as orações por Sodoma, Ismael e Isaac, trabalhadas e desenvolvidas por Massignon em sua preciosa obra: *Les trois prières d'Abraham*, Paris: Cerf, 1997. (As duas primeiras orações tinham sido antes publicadas à parte, em 1930 e 1935; e a última, dedicada a Isaac, não ganhou publicação independente.)

³⁰ Em intervenção de Massignon na Semana dos Intelectuais Católicos, em maio de 1949 em Paris (“La foi aux dimensions du monde”), ele assinala o significado de Abraão em sua vida, refazendo como seu o itinerário de Abraão, finalizado em Jerusalém. Sinaliza ter compreendido, com o Pai de todos os crentes, que a Terra Santa não poderia ser um “monopólio de uma raça, mas a Terra prometida a todos os peregrinos como ele”. Cf. ROCALVE, *Louis Massignon et l'islam*, pp. 30-31.

³¹ MASSIGNON, *Les trois prières d'Abraham*, p. 98. Por sua vez, a religião judaica se enraíza, a seu ver, na esperança e o cristianismo na caridade.

³² *Ibid.*, p. 106.

³³ D. CINCIANI, “L'altro volto dell'islam”, in L. MASSIGNON, *La suprema guerra santa dell'islam*, Troina: Città Aperta, 2003, p. 12. A propósito do método interiorista ver ainda: L. MASSIGNON, *L'ospitalità di Abramo*, p. 14 (Introduzione di Domenico Canciani).

sença de al-Hallaj na vida de Massignon foi um fator decisivo para a sua percepção da importância do “critério de experimentação interior” para a percepção de uma outra tradição religiosa³⁴.

A hospitalidade é também para Massignon um requisito essencial para a busca da verdade. Esta acontece no bojo de uma relação espiritual serena, de acolhida mútua entre interlocutores que buscam um horizonte fraterno. Não há como compreender o outro senão tornando-se seu hóspede. Este é um tema recorrente na reflexão da Massignon. O verdadeiro encontro com o outro não acontece mediante o caminho de sua anexação, mas do exercício autêntico de hospitalidade. É mediante o trabalho de partilha do mesmo pão, do mesmo trabalho e da mesma vida que a verdade pode vir à tona³⁵.

A abertura ao islã possibilitou a Massignon descobrir com maior profundidade algumas dimensões inusitadas do mistério divino. O seu catolicismo não ficou enfraquecido com o diálogo, mas enriquecido com a nova visada: tornou-se mais exigente. Ao oferecer uma visão mais amorosa e interna do islã, contribuiu decisivamente para uma mudança de perspectiva na visão católico-romana sobre o tema, abrindo o caminho para a colaboração e o diálogo islamo-cristão. Há hoje um reconhecimento explícito sobre o influxo exercido por Massignon em textos decisivos do Concílio Vaticano II que tratam das religiões não cristãs, em especial do islamismo. Tanto o número 16 da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, como o texto da Declaração sobre as religiões não cristãs, *Nostra Aetate*, refletem esta influência. Há que recordar os laços de grande amizade que unia Massignon a Paulo VI³⁶. Na visão de Robert Caspar, que foi perito no Concílio Vaticano II e consultor junto ao Secretariado para os não cristãos, Massignon contribuiu de forma decisiva para a mudança de perspectiva na Igreja católico-romana com respeito ao islã. Abriu-se com ele uma “brecha significativa no compacto muro de desconfiança e incompreensão que separava o islã do cristianismo até a primeira metade do século XX”³⁷.

³⁴ MASSIGNON, *La passion de Hallâj*, pp. 10-12 (Tome 3). Ver a propósito: ROCALVE, *Louis Massignon et l'islam*, p. 102. Vale também registrar a importância dada por Massignon ao coração, como “órgão preparado por Deus para a contemplação”: *ibid.*, p. 26. Ver também: L. MASSIGNON, “Il ‘cuore’ (al-qalb) nella preghiera e nella meditazione musulmane”, in ID., *Il soffio dell'islam. La mistica araba e la letteratura occidentale*, Milano: Medusa, 2008, pp. 119-126.

³⁵ P.-F. BÉTHUNE, *L'hospitalité sacrée entre les religions*, Paris: Albin Michel, 2007, pp. 136-137 e 203; Basetti Sani, *Louis Massignon (1883-1962)*, p. 74.

³⁶ MASSIGNON, *L'hospitalité sacrée*, p. 141; ID., *Ciencia de la compasión*, Madrid: Trotta, 1999, p. 40, n. 3 (em nota de Jesús Moreno Sanz). Em sua viagem à Terra Santa, em 1964, o papa Paulo VI acolheu em âmbito da reflexão magisterial, em sintonia com Massignon, a ideia de três religiões abraâmicas. Ver a respeito: Basetti Sani, *Louis Massignon (1883-1962)*, p. 79.

³⁷ MASSIGNON, *L'hospitalité di Abramo*, p. 20 (introdução de Domenico Canciani). Ver também: M.L. FITZGERALD, “Relações entre as religiões abraâmicas”, in B.E. HINZE, *Herdeiros de Abraão*, São Paulo: Paulus, 2007, pp. 87-88.

Na trilha aberta por Massignon surgiram novos pensadores e teólogos católicos dedicados ao tema do diálogo com o islã, entre os quais podem ser citados: Georges Anawati, Jacques Jomier, Jean-Mohammed Abd-el-Jalil, Serge de Beaurecueil, Maurice Borrmans, Robert Caspar, entre outros³⁸.

4. O ciclo de Gandhi: A dinâmica da compaixão

Na perspectiva aberta por Massignon, a compaixão é um alargamento da hospitalidade. Na última etapa de sua vida, esse tema da compaixão será para ele decisivo. Tendo se aposentado em 1954, firma-se seu compromisso social e político, já pontuado pelo engajamento em favor dos palestinos. É onde entra a inspiração de Gandhi. O primeiro contato com Gandhi se deu em 1912, por ocasião de sua breve passagem por Paris, tendo-o reencontrado ali em 1931. Nele encontrava Massignon algo de precioso e um fermento novo para sua vida espiritual:

Talvez pela primeira vez no mundo, um homem teve tamanha influência sobre os povos de outras religiões, com resultados importantes na ordem social. Na Europa, perdemos o senso do sagrado na vida social, mas através de pessoas como Gandhi poderemos reencontrá-lo³⁹.

Os ideais de Gandhi vão penetrando sua visão de mundo até ganhar sua marca decisiva nos anos posteriores a 1953. Na fase derradeira da vida de Massignon, todas as suas ações e julgamentos serão inspirados pelo pensamento de Gandhi⁴⁰. A noção mesma de hospitalidade é agora aprofundada e envolvida pela dinâmica da compaixão pelo outro. A admiração suscitada em Massignon por Gandhi deve-se sobretudo à sintonia das escolhas nos âmbitos moral e espiritual. Pode-se também acrescentar o toque de sua exemplaridade, bem como de sua reivindicação cívica em favor do verdadeiro (*satyagraha*). Há também comunhão no campo da espiritualidade, fundada em valores semelhantes como a oração, o jejum e a peregrinação, bem como no âmbito da opção comum pelos pobres. Não há como desconhecer a presença de Gandhi na inspiração da dinâmica de compaixão-

³⁸ Para uma reflexão a respeito ver: J.-J. PÉRENNÈS, *Georges ANAWATI (1905-1994). Un chrétien égyptien devant le mystère de l'islam*, Paris: Cerf, 2008; F. JACQUIN (org.), *Massignon — Abd-el-Jalil. Parain et filleul (1926-1962). Correspondance*. Paris: Cerf, 2007; M. BORRMANS, *Orientamenti per un dialogo tra cristiani e musulmani*, Roma: Pontificia Università Urbaniana, 1991; R. CASPAR, *Para una visión cristiana del islam*, Santander: Sal Terrae, 1995.

³⁹ Intervenção de Massignon sobre Gandhi em Seminário organizado pela UNESCO, em janeiro de 1953 (Seminar on the Contribution of Gandhian Outlook and Techniques to the solution of tensions between and within Nations), in DREVET (org.), *Massignon et Gandhi*, p. 112.

⁴⁰ DREVET (org.), *Massignon et Gandhi*, p. 44.

substituição presente em Massignon, em particular na sua atenção para com os oprimidos e na sua ampla solidariedade⁴¹. Como assinala Rocalve, Massignon sente-se

envolvido na política da França com respeito aos povos muçulmanos. Sua carreira de islamólogo e seu desejo pessoal de reconhecimento do islã, de hospitalidade do islã, convergem no serviço a todos os muçulmanos golpeados pela injustiça na Palestina, no Maghreb, na metrópole (visitas aos prisioneiros, acorrida aos operários argelinos)⁴².

Em carta de abril de 1948, Massignon firma o seu compromisso: “Estou cada vez mais decidido a manter minha ‘shahada’⁴³ em favor da justiça até a morte”⁴⁴. Como indica Edward Said, esta atuação prática e humanista era o que para ele havia de melhor em Massignon. Ele “era um lutador incansável em defesa da civilização muçulmana e, como demonstram seus numerosos ensaios e cartas após 1948, em defesa dos direitos dos árabes muçulmanos e cristãos na Palestina contra o sionismo, contra aquilo que, em referência a alguma coisa dita por Abba Eban, ele chamou severamente de ‘colonialismo burguês’ israelense”⁴⁵. Estava sempre antenado com os problemas de seu tempo. Vale lembrar o seu papel na criação do Instituto *Dar Es Salam* (a casa da paz), ocorrida em 1947 no Cairo e sua presença nas obras de misericórdia no núcleo dos amigos de Gandhi.

5. Caminhos de vida interior

Massignon deixa rastros importantes também no âmbito da vida espiritual. Juntamente com Mary Kahil⁴⁶, funda em fevereiro de 1934 a *Badaliya*⁴⁷, um espaço garantido para a vida de oração e a hospitalidade do coração. Tratava-se de um lugar de acolhida do outro, do estrangeiro. Na *Badaliya* “toma forma um modelo de espiritualidade interconfessional que suscita

⁴¹ G. RIZZARDI, *L. Massignon (1883-1962): Un profilo dell'orientalista cattolico*, Milano: Glossa, 1996, pp. 60-61. É conhecido o texto de Massignon onde ele apresenta a exemplaridade singular de Gandhi: MASSIGNON, *Parole donne*, pp. 130-139.

⁴² ROCALVE, *Louis Massignon et l'islam*, p. 140.

⁴³ Profissão de fé ou testemunho.

⁴⁴ MASSIGNON, *L'hospitalité sacrée*, p. 250. E continua, na sequência: “Notre vocation c'est de justifier Dieu, de le faire aimer par ceux-là mêmes à qui Il manque et qui semblent abandonnés: les pauvres, les exclus, les inconsolés. C'est cela que Jésus a fait en venant ici-bas à l'appel de Marie”.

⁴⁵ E. SAID, *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 274-275.

⁴⁶ Tendo conhecido Massignon em 1912-1913, Mary Kahil (1889-1979) viverá uma experiência de intensa comunhão espiritual com Massignon. Os dois exerceram grande influência no diálogo islamo-cristão. Para maiores detalhes cf. MASSIGNON, *L'hospitalité sacrée*, pp. 77ss.

⁴⁷ Seu significado em árabe é “substituição”.

uma concepção teológico-mística do ‘diálogo’ para além dos modelos sócio-culturais evocados pela cultura humanista”⁴⁸. Em pacto concluído na ocasião pelos dois na igreja franciscana de *Damiette*, local onde São Francisco apresentou-se ao sultão al-Malik al Kâmil, decidem fazer o oferecimento de suas vidas aos muçulmanos. Não para que se convertessem ao cristianismo, mas “para que a vontade de Deus pudesse ser feita para eles e por eles”. A experiência da *Badaliya* é assumida pelos dois como um “voto de substituição” e um convite a viver a santidade em meio aos muçulmanos. Traduzindo ao padre jesuíta Bonneville, no Cairo, a força da opção realizada pelos dois, Mary Kahil assim se expressa: “Queremos fazer nossas as suas orações, nossas as suas vidas, apresentando-as ao Senhor”⁴⁹. A partir de 1934, ano da fundação da *Badaliya*, Massignon vai se aproximando cada vez mais da comunidade católica melquita, de rito bizantino, até fazer sua transferência definitiva para ela em 1949, sob autorização de Pio XII. Era o passo que faltava para sua maior comunhão, enquanto cristão, com os árabes. Em janeiro de 1950 é ordenado sacerdote na igreja grego melquita Sainte-Marie-de-la-Paix.

Para o crescimento espiritual de Massignon foi muito importante a presença de Charles de Foucauld (1858-1916). Foi alguém decisivo no processo pessoal de afirmação da vocação espiritual e solidária de Massignon em favor do islã. Os dois sempre estiveram unidos por uma grande e profunda amizade, apesar da diferença de idade de 25 anos. Foucauld torna-se para Massignon um intercessor, confidente e amigo: um autêntico “diretor espiritual”. A intimidade espiritual entre os dois está registrada na correspondência regular mútua que se inicia em novembro de 1908, e que soma cerca de 80 cartas. Em clara proposta de vida monástica, Foucauld faz em setembro de 1909 um convite a Massignon para prosseguir seus estudos teológicos junto a ele no deserto. Ainda que seduzido pela proposta, Massignon acaba optando pelo matrimônio, que veio a realizar-se em 27 de janeiro de 1914, em Bruxelas. O caminho escolhido por Massignon ganha a acolhida carinhosa de Foucauld. No mesmo mês do casamento, uma bela carta de Foucauld a Massignon expressava o valor da nova e maravilhosa opção realizada pelo amigo, de uma vocação dada por Deus para viver a santidade do matrimônio no mundo⁵⁰.

Para Massignon, o amigo Foucauld representava um “arco estendido para um Absoluto, para a Verdade”. Tornou-se dele um discípulo ao longo da caminhada, buscando beber intensamente sua “experiência vital do sagrado junto aos outros”, e também o desafio essencial do compromisso com

⁴⁸ RIZZARDI, L. *Massignon (1883-1962)*, p. 150.

⁴⁹ MASSIGNON, *L'hospitalité sacrée*, p. 101.

⁵⁰ C. FOUCAULD, *Opere spirituali*, Roma: Paoline, 1984, p. 722.

os irmãos mais pobres. Via a necessidade de intensificar seu contato espiritual com o mestre para poder captar “sua iniciação experimental à compreensão verdadeira da condição humana, sua ciência experimental da compaixão”. O que pressentia por experiência pessoal, viu realizado na prática vital de Foucauld: a importância de optar pelos muçulmanos, enquanto filhos de Abraão, esses “misteriosos excluídos das preferências divinas na história”. Aprendeu também a centralidade do anúncio do evangelho pela via da humildade, do exercício da hospitalidade, entendido como “verdadeiro pão espiritual”⁵¹. São, portanto, três os aspectos que unem o pensamento de Massignon a Charles de Foucauld: a visão comum sobre a responsabilidade da França com respeito aos países colonizados; a partilha da hospitalidade, entendida como valor sagrado; a percepção da dignidade única de cada ser humano, sobretudo dos mais abandonados e excluídos, nos quais pulsa uma experiência vital do sagrado⁵².

Conclusão

O grande legado de Louis Massignon insere-se no campo do diálogo do cristianismo com o islã. Ele favoreceu, sem dúvida alguma, uma nova visada sobre essa tradição religiosa que para o Ocidente representou um “trauma duradouro”. Apontou caminhos singulares para uma percepção do islã a partir de dentro, buscando discernir o “sopro do islã”, sobretudo a partir da contribuição dos grandes místicos da tradição sufi, em particular al-Hallaj. Privilegiou o caminho do coração, como lugar excepcional de acesso ao “segredo divino”. Defendia e acreditava com vigor na ideia de que o melhor caminho de acesso ao outro é mediante a empatia, a simpatia e a hospitalidade. Foi um pioneiro do diálogo inter-religioso, abrindo canais alvissareiros para a abertura do cristianismo ao islã. Como bem sinalizou Édouard-Martin Sabanegh, um de seus discípulos, Massignon foi o grande artesão na mudança de perspectiva do mundo cristão com respeito ao islã⁵³, com um substantivo influxo no Concílio Vaticano II. No mundo católico, foi ele um dos pioneiros no reconhecimento do islã como religião abraâmica. Os testemunhos sobre ele são diversificados. O papa Pio XI referiu-se a ele como um “muçulmano católico”. O grande orientalista Jacques Berque identificava-o como um “sheikh admirável”. O irmãozinho de Jesus, René Voillaume, encontrou nele “um testemunho privilegiado da

⁵¹ MASSIGNON, *Parole donne*, pp. 63-64 (Toute une vie avec un frère parti au désert: Foucauld).

⁵² RIZZARDI, *L. Massignon (1883-1962)*, p. 60.

⁵³ PÉRENNÈS, *Georges ANAWATI (1905-1994)*, p. 84.

herança espiritual de Charles de Foucauld". Esse reconhecimento aconteceu também no mundo muçulmano, onde é reverenciado ainda hoje com reconhecimento e respeito. Insere-se no amplo leque dos buscadores do diálogo, que fizeram de sua trajetória de vida uma aventura arriscada e exigente de deixar-se envolver pelo enigma do outro.

Faustino Teixeira é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), Pesquisador do CNPq e Consultor do ISER Assessoria (RJ). É autor de vários livros entre os quais: *A espiritualidade do seguimento*, São Paulo: Paulinas, 1994; *Teologia das religiões: Uma visão panorâmica*, São Paulo: Paulinas, 1995; *Os encontros intereclesiais de CEBs no Brasil*, São Paulo: Paulinas, 1996; *Ecumenismo e diálogo interreligioso*, Aparecida: Santuário, 2008. Esteve também na organização das seguintes obras: *No limiar do mistério*, São Paulo: Paulinas, 2004; *Nas teias da delicadeza*, São Paulo: Paulinas, 2006; *Sociologia da religião*, 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2007; *O canto da unidade: Em torno da poética de Rûmî*, Rio de Janeiro: Fissus, 2007 e *Catolicismo plural: Dinâmicas contemporâneas*, Petrópolis: Vozes, 2009.

Endereço: Rua Antônio Carlos Pereira, 328 (Condomínio Tiguera)
36071-120 Juiz de Fora – MG
e-mail: faustino.teixeira@ufjf.edu.br